

Editorial

Caatinga, futebol e esperança

Por Carlos Vogt
10/06/2013

São quase 830.000 km² de área, o que significa cerca de 10% do território nacional e mais ou menos 70% da região Nordeste. A caatinga distribui sua extensão por 9 estados, do Piauí ao norte de Minas Gerais, tem um clima semiárido, chuvas no máximo em 5 meses do ano, rios intermitentes, temperatura alta, entre 25 e 30 graus em média e uma biodiversidade única, ameaçada, constante e sistematicamente, de extinção pelo desmatamento, pela ação predatória da indústria primária da produção de carvão vegetal.

Catalogadas até o momento, entre a fauna e a flora, há mais de 2 mil espécies, com uma riqueza que contraria o que por muito tempo se afirmava sobre sua diversidade: além de única, a caatinga é, entre as regiões semiáridas, a mais rica do mundo em variedades de espécies.

Entre estas está o tatu-bola (*Tolypeutes tricinctus*), como outras ameaçado de extinção e que, além da caatinga, é também habitante natural do cerrado, onde o conheci, nas terras das fazendas de Sales Oliveira que percorria, menino, com meu pai, seleiro e pescador, nas viagens de charrete, para os compromissos do profissional e do amador.

E não é que o tatu-bola virou o mascote da copa de 2014 e ganhou o nome de Fuleco, para o qual votaram 1.7 milhões de pessoas, preterindo outras alternativas de nomes como Amijubi e Zuzeco que melhor ficaram sem individualizar ninguém e muito menos a bola-tatu que o tatu-bola passou a protagonizar.

Tive um cachorrinho cocker spaniel dourado cujo nome era Cobi como o do mascote das Olimpíadas de 1992 em Barcelona, este um pastor catalão em estilo cubista inspirado na tela de Picasso em que faz sua leitura pessoal do quadro *Las Meninas*, de Velazquez.

O meu Cobi já se foi há alguns anos, como se foi também aquela olimpíada e com ela seu mascote. Hoje, os dois Cobis devem brincar, dormir, sonhar e farejar os campos sagrados das lembranças, do imaginário, das saudades, fazendo xixi no muro das recordações.

O Fuleco também vai passar quando a copa do mundo tiver terminado e, quem sabe, o Brasil for outra vez campeão. Mas o tatu-bola e a caatinga, seu habitat natural, estes não podem ter eventualidade de efeméride, mesmo que espetacular e exitosa. Precisam ficar e, permanecendo, dar, na singularidade de seus modos de ser, vida à vida, como do segundo se faz o eterno, como do frágil se faz o seguro, como do quebrado se faz o contínuo, como do interrompido se faz a fluidez, como do que vai se faz o que volta e tudo que assim inova, renova e é sua perda e sua salvação.